

SOCIEDADE DE CULTURA ARTISTICA

o o o

O CREPUSCULO DOS DEUSES

— DE —

RICARDO WAGNER



RESUMO DO POEMA EXTRAIDO DA OBRA

— DE —

ALBERTO LAVIGNAC



— SÃO PAULO —
SECÇÃO DE OBRAS D' "O ESTADO DE S. PAULO"
— 1922 —

SOCIEDADE DE CULTURA ARTISTICA

o o o

O CREPUSCULO DOS DEUSES

— DE —

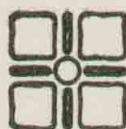
RICARDO WAGNER



RESUMO DO POEMA EXTRAIDO DA OBRA

— DE —

ALBERTO LAVIGNAC



— SÃO PAULO —

SECÇÃO DE OBRAS D' "O ESTADO DE S. PAULO"

— 1922 —

O

“Crepusculo dos Deuses” foi levado pela empresa Walter Mocchi, em recita especial da Sociedade de Cultura Artistica de S. Paulo, correspondente ao seu 128.º sarau, a 23 de Outubro de 1922, no Theatro Municipal. O desempenho esteve confiado a um conjuncto de artistas dos principaes theatros da Allemanha, organizado por aquella empresa, sendo a orchestra do theatro Costanzi, de Roma, sob a direcção do maestro allemão L. Kaiser.

DISTRIBUIÇÃO

<i>Siegfried</i>	WALTER KIRCHOFF
<i>Gunther</i>	EMILIO SCHIPPER
<i>Hagen</i>	CARLOS BRAUN
<i>Alberich</i>	RODOLPHO BANDLER
<i>Brunnhilde</i>	HELENA WILDBRUNN
<i>Gutrune</i>	HELENA HIRN
<i>Waltraute</i>	ALICE MERTENS
<i>As tres Normas</i>	MERTENS-JAEGER-HIRN
<i>As tres filhas do Rheno</i>	HIRN-MERTENS-DEIMANN

Maestro director da orchestra

L. KAISER

O CREPUSCULO DOS DEUSES

O "*Crepusculo dos Deuses*" é a ultima parte da "Tetralogia do Anel do Niebelung", de Ricardo Wagner, festival scenico em um prologo — "O ouro do Rheno" e tres partes: a "Walkyria", "Siegfried" e "Crepusculo dos Deuses", baseado nas lendas escandinavas e no antigo poema do Niebelung, muito modificados e até transformados pelo genio criador do grande poeta-musico.

Os quatro dramas que formam o "Anel do Niebelung" giram em torno das peripecias produzidas pela maldição que o niebelung Alberico ligou ao anel maravilhoso, forjado por elle com o Ouro do Rheno, roubado ás Ondinas, e de que se apoderou Wotan, especie de Jupiter da Mythologia escandinava.

O anel maldito causa a ruina de todos que o possuem e, através de innumeradas peripecias, acaba, de catastrophe em catastrophe, por destruir a raça dos deuses julgados immortaes, cuja morada — o Walhalla — desapparece nas chammass, ainda por effeito do talisman terrivel. As consequencias desastrosas da posse do anel só cessam quando Brunnhilde, filha predilecta de Wotan, e ultima victima do sortilegio, restitue ás aguas purificadoras do Rheno o thesouro que dalli fora roubado.

Wagner dá aos diversos personagens do drama um caracter symbolico cuja analyse não é possivel fazer num resumo como este. O simples conhecimento dos elementos principaes do drama, já permite, porém, apreciar innumeradas bellezas da obra, quer do ponto de vista literario, quer em relação á partitura, que attinge a uma elevação nunca antes alcançada e reveste novos, ricos e variadissimos aspectos, enriquecendo sobremaneira os meios de expressão musical.

Eis em resumo, a acção do "Crepusculo dos deuses", conforme nol-o dá Alberto Lavignac:

PROLOGO

O scenario representa, como no terceiro acto da Walkyria, o rochedo de Brunnhilde. Mas, em scena reina completa noite. Ao longe, percebe-se um vago reflexo de chammas. As tres Nornas, envergando longas tunicas, tecem o fio de ouro do destino que vão passando successivamente umas ás outras. A primeira, a mais edosa, está assentada no segundo plano, á esquerda, sob o pinheiro; a segunda, á entrada da gruta, á direita; e a terceira, a mais jovem das tres, ao pé do rochedo que domina o valle. A primeira Norna mostra ás irmans o clarão que Logue (deus do fogo) alimenta continuamente ao redor do rochedo de Brunnhilde e convida-as a cantar e a fiar. Amarra o fio de ouro a um dos ramos do pinheiro e recorda-se que, outr'ora, cumpria a sua tarefa com alegria, abrigando-se debaixo dos possantes ramos do freixo do mundo, ao pé do qual murmurava uma fonte de agua fresca, que era a fonte da sabedoria. Um dia, Wotan aproximou-se da fonte para beber e pagou o tributo sagrado com o sacrificio de um dos olhos; depois, colheu um dos mais robustos ramos da arvore para fazer com elle uma lança de combate. Mas, a datar desse momento, o freixo feneceu, as folhas amarellecera e a arvore cahiu; no correr dos seculos, o tronco pereceu e a fonte, ao mesmo tempo, seccou. — Que houve, então? E a Norna, arremessando o fio á sua segunda irman, convida-a a falar por sua vez. — Wotan, prosegue a Sybilla, gravou, na sua lança, as inscrições do tratado de onde provinha a sua força; elle viu, sombrio presagio, quebrar-se a sua arma na luta com um jovem heróe; reuniu, então, os guerreiros do Walhalla e fez com que elles abatessem o freixo do mundo. Que succedeu depois? pergunta a Norna á sua irman mais moça, á qual atira o fio. — Os heróes formaram uma fogueira colossal em torno da moradia dos immortaes, e Wotan está silenciosamente sentado no meio da augusta assembléa dos deuses. Se os bosques, abrazando-se, illuminaram o burgo magnifico, terá chegado o fim dos senhores do mundo. Wotan sujeitou o astuto Logue e o prendeu em chammas vivas em torno do rochedo de Brunnhilde; depois, atirou os fragmentos de sua lança em plena fogueira. Que haverá então? O fio, que as Nornas tecem, embrulha-se, a roca cortante esgarça-o; é o anathema de Alberico, o ladrão do ouro do Rheno, que produz os seus funestos effeitos; enfim, rompe-se o fio pelo meio e com elle desaparece a clarividencia das tres irmans, que se levantam espantadas; ellas juntam as pontas do fio precipitadamente e, ligando-se entre si, descem ás profundezas da terra, para juntar-se a Erda, sua mãe eterna.

O dia levantou-se progressivamente; brilha agora com todo seu esplendor e deixa vêr Siegfried, que chegou armado para a guerra e Brunnhilde, que o acompanha, puxando pelo seu nobre corcel Grane.

O par amoroso, que desfruta, ha varios dias, uma felicidade radiosa, troca promessas de fidelidade. Brunnhilde transmittiu ao seu esposo o talisman, que os deuses lhe haviam confiado. Deu-lhe toda a sua sciencia e não lhe pediu em troca mais do que a sua constancia, a sua ternura; ella exorta-o a novas conquistas. Siegfried, que vae partir depois de lhe ter novamente jurado o seu amôr, dá-lhe, em signal de fidelidade, o anel arrebatado a Fafner e que para elle não vale mais do que as virtudes de que deu provas para conquistal-o.

Brunnhilde, encantada, dá-lhe Grane em troca, o nobre companheiro que ella outr'ora tantas vezes arrastou nas suas proezas guerreiras. Que o soberbo corcel, no meio dos combates, lembre Brunnhilde ao seu esposo.

O par separa-se depois de um ultimo abraço. Siegfried desce do rochedo, conduzindo a sua montaria. Brunnhilde acompanha-o longo tempo com os olhos, extasiada, e ouve-se ao longe repercutir o alegre toque da trompa do heróe.

1.º ACTO

SCENA 1.^a — A scena representa o palacio dos Gibichs, nas margens do Rheno. A grande sala, largamente aberta aos fundos, está no mesmo plano da margem, deixando vêr o rio em toda a sua extensão. A' direita, no segundo plano, uma mesa, em torno da qual estão dispostas cadeiras. A' direita e á esquerda, a entrada dos aposentos particulares.

Gunther e sua irman Gutrune, descendentes da dymnastia dos Gibichs, conversam com Hagen, filho bastardo de sua mãe Grimhilde, e prestam homenagem á sabedoria desse irmão, que lhes proporcionou sempre conselhos uteis.

Hagen, o continuador do negro pensamento de seu pae, Alberico, que conserva sempre a idéa de reconquistar o seu anel, roubado por Wotan, Hagen, sabedor das valorosas conquistas de Siegfried e de seus amores com a Walkyria, mas, guardando cautelosamente esse segredo, aconselha seu irmão e sua irman, que ignoram estes factos, a consolidar a sua dymnastia por gloriosas uniões: para Gunther, elle quer Brunnhilde, a virgem que dorme sobre um rochedo inacessivel, protegida por um oceano de chammass; mas, Gunther não pôde vencer o obstaculo terrivel; Siegfried, só elle, pôde perpetrar o acto heroico.

Siegfried, o ultimo descendente dos Walsungs, que venceu Fafner e se apoderou do thesouro dos Niebelungos.

E' elle que Hagen destina á filha dos Gibichs. Elle cederá facilmente o objecto de sua victoria a Gunther, se o seu coração ficar preso aos encantos de Gutrune, e nisto ella pode ajudal-o, fazendo com que o heróe tome uma certa beberagem encantada, um filtro magico, que fará sua alma esquecer as promessas passadas, tornando-o escravo daquella que lhe dér o filtro.

O irmão e a irman acceitam, com enthusiasmo, a proposta de Hagen e esperam impacientes a chegada daquella que deve realisar os seus desejos e cujas excursões o pódem conduzir, de um momento para outro, aos seus dominios.

SCENA 2.^a — O som da trompa faz-se ouvir na direcção do Rheno, annunciando a chegada de Siegfried. Hagen distingue o jovem guerreiro, conduzindo, com extrema habilidade, o barco em que vem em companhia de Grane. Gunther desce até a margem do rio para recebê-lo, e Gutrune, depois de haver contemplado de longe o heróe, retira-se para os seus aposentos, presa de viva emoção.

Siegfried desembarca com o seu cavallo e pergunta aos dois homens qual delles é Gunther, cuja gloria ouviu celebrar e ao qual vem offerecer, segundo sua escolha, o combate ou a amizade. Gunther apresenta-se e responde ao seu hospede com palavras de alliança e fidelidade. Hagen, que tomou a seu cuidado o cavallo Grane, volta e interroga Siegfried sobre as riquezas dos Niebelungos das quaes é o possuidor; mas, o heróe, desdenhoso desses thesouros inuteis, deixou-os ficar no retiro do Dragão; conservou apenas um capacete de malha que traz á cintura e cujo poder magico lhe é revelado por Hagen sem, entretanto, lhe ferir a attenção. Possui ainda um outro objecto, proveniente do thesouro conquistado; é um anel, que elle deu á sua nobre esposa, como penhor do seu affecto. Hagen chama, então, por Gutrune, que chega, trazendo uma taça que ella apresenta a Siegfried como saudação de boas vindas. Este inclina-se e, no momento de esvasiar a taça, entrega-se á terna e commovida recordação de Brunnhilde, jurando cordialmente nunca esquecer o seu fiel e ardente amôr.

Bebe e entrega a taça a Gutrune, confusa e perturbada; mas, sob o encanto do filtro, seus olhos, subito, rebriham de paixão, contemplando a donzella, communica-lhe o sentimento que o domina por completo e pede immediatamente a Gunther a mão de sua irman. Gutrune, sob o peso do remorso de forçar assim o sentimento do heróe, confessa-lhe, por gestos, que não é digna d'elle e deixa a sala

com passos tropeços. Siegfried, encantado, segue-a com os olhos e pergunta a Gunther se já fez a escolha de uma esposa.

Gunther responde-lhe, mostrando a dificuldade, que se lhe depara para conquistar aquella que é o objecto do seu amor, Brunnhilde, prisioneira das chammas num rochedo solitario. Siegfried, ao ouvir este nome, tão amado ha pouco, sente uma vaga reminiscencia que se desvanece logo depois, (o filtro magico continua a sua obra) e offerece a Gunther realisar para elle a conquista de Brunnhilde com uma condição apenas: a de obter a mão de Guttrune em recompensa.

Com o auxilio do Tarnhelm, o capacete encantado que traz á cintura, tomará o aspecto do seu antigo proprietario e, assim, lhe trará a noiva promettida. Ambos se compromettem por um solenne juramento a não trahir jamais essa alliança e sellam o pacto, bebendo cada um por sua vez em um chifre, a cujo conteudo misturaram algumas gottas do proprio sangue. Hagen, que se recusou a tomar parte nesse compromisso fraterno, pretextando a sua origem bastarda, e conservou-se afastado, quebra o chifre com um golpe da sua espada enquanto Guttrune, inquieta e agitada, vem assistir á partida dos guerreiros; Hagen medita e, com perversa ironia, considera que esses dois valentes, perdidos, um pelos seus perfidos conselhos e outro pelo seu odioso sortilegio, preparam a sua felicidade, delle, o humilde filho do Niebelungo.

Cae o panno, (a orchestra continua) e, quando se abre de novo a scena, vê-se, como no prologo, o rochedo da Walkyria.

SCENA 3.^a — Brunnhilde, silenciosa e pensativa, está sentada á entrada da gruta, contemplando o anel que lhe deu Siegfried e que ella cobre de beijos apaixonados. Nisto, ouve ao longe um ruido que lhe era outr'ora familiar: é o galope do corcel aereo; ella presta attenção e, encantada, corre ao encontro de Waltraute, a Walkyria, sua irman, que a vem descobrir no seu retiro e cuja expressão de inquietude lhe passa despercebida; será o perdão do deus implacavel, que a sua companheira querida lhe traz emfim? ter-se-á Wotan compadecido da culpada, pois, que elle tinha permittido que o fogo devorador a protegesse no seu somno e que do seu castigo mesmo sahisse a sua felicidade; ella pertence agora a um heróe, cujo amor a enche de orgulho e que fez della a mais feliz das mulheres.

Waltraute, que não partilha da alegria de sua irman, correu ao seu encontro cheia de angustia e, apesar da prohibição de Wotan, para exortá-la a salvar o Walhalla (morada dos deuses) da desgraça que o ameaça; desde o exilio com que elle fulminou sua filha dilecta, Wotan, o

deus dos exercitos, inquieto e desanimado, não cessou de percorrer o mundo como um viajante solitario; um dia, voltou das suas peregrinações, trazendo nas mãos a sua lança quebrada. Mudo e sombrio, ordenou, então, com um gesto aos seus heróes que abatessem o freixo do mundo e com elle formassem uma vasta fogueira em torno da morada dos immortaes. Depois, convocou o conselho dos deuses e conserva-se immovel, feroz, entre elles, os deuses, e os heróes, considerando com amargura o seu poder vencido. Em vão as filhas, as virgens guerreiras, (Walkyrias), imploram e tentam reconfortal-o; continua surdo aos seus appellos, esperando os dois corvos que elle enviou bem longe e que não voltam para trazer-lhe noticia alguma confortadora. Uma unica vez, commovido pelas caricias da sua filha Waltraute, velou-se-lhe o olhar á lembrança de Brunnhilde e deixou cahir estas palavras: “Si ella entregasse ás filhas do Rheno o anel maldito, os deuses e o mundo estariam salvos”. Então, Watraute deixou furtivamente a morada enlutada, para vir supplicar á irman que praticasse o acto redemptor.

Brunnhilde, a estas palavras, revolta-se: Sacrificar o anel de Siegfried, penhor sagrado de seu amôr, mais precioso para ella que a raça dos deuses, que a gloria dos immortaes? Nisso não consentirá jamais ainda que todo o esplendor do Walhalla desapareça immediatamente; e deixa que sua irman se afaste desolada, levando a decisão immutavel.

Waltraute, no auge do desespero, foge para o palacio de Wotan, seu pae, acompanhada de nuvens tempestuosas, riscadas de relampagos; desceu a noite e a chamma, que envolve o rochedo, brilha com fulgor desusado.

Ouve-se a trompa de Siegfried, que repercute ao longe. Brunnhilde, encantada, atira-se ao seu encontro; depois, recúa espavorida com a presença de um guerreiro desconhecido: é o seu proprio esposo, que, sempre, sob a influencia do filtro maldito que lhe cega a alma e graças ao poder do capacete encantado, se lhe apresenta com os traços de Gunther, em nome do qual deseja conquistal-a. A infeliz, horrorisada, debate-se em vão, appellando para Wotan, cuja colera ella suppõe feril-a de novo. Invoca debalde o poder do anel. Trahem-na as forças: Siegfried derruba-a, arranca-lhe o anel que colloca no dedo e a declara noiva de Gunther, obrigando-a a entrar na gruta, aonde a seguirá e na qual, fiel á palavra dada ao seu alliado, a guardará intacta para o filho de Gibich. Para testemunho de seu juramento, toma a sua espada Nothung.

2.º ACTO

SCENA 1.ª — Vê-se uma bella e longa perspectiva do Rheno, formando bruscamente á esquerda uma curva e passando diante do palacio dos Gibichs, que se avista de perfil, no primeiro plano. á direita. Das margens do rio, que são escarpadas e rochosas, sóbe, á direita, num segundo plano, um caminho ao longo do qual estão collocadas pedras de sacrificio: as duas primeiras dedicadas a Fricka e a Donner, e, enfim, uma terceira, maior que as outras, consagrada a Wotan.

Reina a escuridão. Hagen, assentado, immovel e armado, em guarda á porta do palacio, parece dormir, embora tenha os olhos abertos. Seu pae, Alberico, sentado a seu lado, fala-lhe em vóz baixa, incitando-o á luta para reconquistar o anel a Wotan: a propria descendencia do deus já lhe tirou as forças; um Walsung quebrou-lhe a lança, instrumento da sua força, de seu poder, e o deus, desarmado, enfraquecido, vê, com angustia, aproximar-se o seu fim e o do Walhalla. Se Hagen quer ajudar o Elfo, que o engendrou, póde recolher em seu proveito a soberania dos deuses. O anel, que é preciso conquistar por qualquer preço, está nas mãos de Siegfried; mas, o heróe, não conhecendo o poder desse talisman, ou desdenhando-o, escapa por isso mesmo á maldição que se liga á sua posse; é preciso tratá-lo com astucia e agir sem demora, afim de que, aconselhado pela sua esposa, depositaria do anel magico, elle não tenha tempo de entregar ás filhas do Rheno o thesouro que ellas reclamam tão instantemente e que, então, ficará irrevogavelmente perdido para os Niebelungos.

SCENA 2.ª — Hagen, sonhando sempre, jura a seu pae e a si mesmo que saberá apoderar-se do anel. Alberico desaparece, exortando o filho a cumprir a promessa. Uma sombra densa cobre Hagen. O dia nasce do lado do Rheno e o sól se levanta, reflectindo-se no rio e illuminando a chegada de Siegfried, que, transportado pelo poder do seu capacete magico, vem do rochedo onde conquistou Brunnhilde para Gunther, annunciar a bôa nova á filha de Gibich.

Gutrune, encantada, faz com que o seu noivo conte a sua nova façanha, e recebe, com alegria a noticia de que Gunther, tendo, por um habil subterfugio, recebido sua esposa das mãos do vencedor, está em caminho com ella para o palacio de seus paes.

SCENA 3.^a — E' preciso preparar com urgencia a recepção do novo par; Hagen, que estava em observação no alto da collina, faz soar a sua trompa para chamar os vassallos de seu irmão. Todos acorrem, armados, perguntando que perigo ameaça o seu senhor; Hagen tranquillisa-os. Trata-se apenas de dar as boas vindas á esposa que Gunther conquistou com o auxilio de Siegfried e preparar sacrificios aos deuses, que lhes foram propicios. Os vassallos, levados pelas palavras alegres de Hagen, habitualmente torvo e intratavel, regosijam-se e juram protecção á futura soberana.

SCENA 4.^a — A barca, trazendo Gunther e Brunnhilde, acaba de encostar á margem. O guerreiro desembarca com a triste noiva, que se deixa conduzir pallida e de olhos baixos. Apresenta-a aos vassallos que a acclamam alegremente, depois a Guttrune e ao seu futuro esposo.

Brunnhilde, vendo Siegfried fica muda de espanto e para, contemplando-o fixamente. Elle, inconsciente do que se passa na alma da infeliz, supporta com calma o seu olhar. Ella quasi desfallece. Siegfried ampara-a friamente; ella percebe o anel no dedo do perjuro. Então, reergue-se com violencia e pergunta como o anel que lhe arrebatou Gunther e que é o penhor da sua união, está em poder de outro. O filho de Gibich perturba-se e não sabe o que responder. Siegfried, embevecido no seu sonho, contemplando o anel, lembra-se apenas de que outróra elle o conquistou na luta com o dragão. Dil-o e affirma-o lealmente. Hagen, mettendo-se na conversa, finge suspeitar da trahição de Siegfried e incita Brunnhilde á vingança. Esta, presa em extremo gráu, de dor e de revolta, declara Siegfried falso e infame; accusa os deuses de todos os males que a torturam e repelle Gunther, que procura acalmal-a, desconhecendo-o como esposo e designando o filho de Walsung (Siegfried) como aquelle a quem ella se entregou de corpo e alma.

Todos estão profundamente emocionados; Siegfried quer desculpar-se de tamanha trahição; todos o obrigam a declarar, sob juramento, que não faltou á palavra dada e que respeitou, em Brunnhilde, a esposa de Gunther. Elle affirma solennemente, jurando sobre a arma, que lhe apresenta Hagen: que elle pereça ferido por essa mesma arma se faltou ao seu juramento.

SCENA 5.^a — Brunnhilde adianta-se, indignada, terrível, clamando por vingança contra o trahidor e perjuro e, enquanto Siegfried se afasta descuidoso de suas ameaças e não pensando senão na sua nova noiva, que elle conduz ao palacio, a infeliz criatura, victima dos mais crueis soffrimentos, pergunta com angustia de que terrível sortilegio ella é a victima, qual é o astucioso inimigo que lhe impoz tão grande infortunio e como ella desfará, agora que perdeu a sabedoria divina, os laços odiosos que a constringem? Hagen aproxima-se da pobre abandonada e lhe offerece o soccorro de seu braço, para vingal-a. Mas, a esse offerecimento, ella ri amargamente: não foi ella mesma que tornou invulneravel o heróe? e depois a sua bravura não immobilisaria quem quer que tentasse medir-se com elle? — Hagen conhece sua inferioridade em semelhante luta, mas, não haveria um meio secreto de vencel-o?

Brunnhilde revela-lhe, então, que um só ponto é vulneravel, pois que elle não o incluiu no seu poder magico, sabendo perfeitamente que Siegfried nunca voltaria as costas ao inimigo: se Hagen pudesse feril-o entre as espaldas, dar-lhe-ia golpe mortal. -- O miseravel promette aproveitar-se desse precioso conselho; participa o seu designio a Gunther, que se conservára afastado, mergulhado nos seus pensamentos e acabrunhado pela accusação de cobardia que contra elle levantou sua esposa. Gunther treme ao pensamento de trahir aquelle que elle considerou seu irmão de armas; mas, Hagen procura desvanecer os seus remorsos. Lembra-lhe, em voz baixa, o immenso poder que lhe resultará deste acto, pois, que o tornará senhor do anel. Gunther hesita ainda, pensando no soffrimento de Guttrune. Este nome desperta todo o odio ciumento de Brunnhilde. Esta mulher, que, pelo encanto, lhe roubou o esposo, deve ser castigada no seu amôr; e Brunnhilde associa os seus rogos aos de Hagen. Siegfried morrerá, pois; Gunther resigna-se a essa deliberação; a caçada, que se realisará no dia seguinte, dará o pretexto para sua morte: um javali atacal-o-á num ponto isolado...

Emquanto a negra conjura se trama, Siegfried e Guttrune, seguidos do cortejo nupcial, apparecem enfeitados com flôres e folhagens na cabeça. Convidam seu irmão e irman a seguir-lhes o exemplo e, enquanto Gunther, tomando a mão de Brunnhilde, segue com ella a alegre companhia, Hagen, á distancia, invoca a assistencia de seu pae, Alberico, o Elfo odiento, e jura a si mesmo ser, em breve, o possuidor do anel tão cubiçado.

3.º ACTO

SCENA 1.ª — A scena representa uma encantadora paisagem das margens do Rheno. As aguas azuladas do rio, represadas entre duas margens montanhosas e agrestes, deixam vêr na sua transparencia as ondinas que se movem. No primeiro plano, uma especie de praia. A' direita, um caminho ingreme entre os rochedos vae até aos pontos mais elevados da ribanceira.

Woglinde, Wellgunde e Flosshilde, as tres filhas do Rheno, movendo-se sobre as aguas, lamentam a perda do seu ouro, cujo puro brilho alegrava outr'ora o fundo do rio, votado agora á escuridão e á tristeza. Se o possuidor do thesouro consentisse em restituil-o!

Justamente, o som da trompa, ouvido ao longe, annuncia-lhes que o heróe se acha proximo daquellas paragens. Mergulham para deliberar reunidas, quando Siegfried apparece ao alto, perdido no campo onde andava á caça.

As ondinas reaparecem; interrogam o caçador e se lhe offerecem para descobrir o urso que se lhe escapou, se elle quizer dar-lhes, em troca, o anel que traz no dedo. Siegfried recusa a proposta das fadas: dar um bem conquistado á custa de um combate terrivel com o dragão Fafner, nunca! As ondinas zombam de Siegfried, ridiculisam a sua avareza e o medo que elle tem, tão bello e tão forte, de ser castigado pela mulher se lhe apparecesse sem o anel e mergulham de novo. Siegfried abalado por essas zombarias, quasi se decide a offerecer-lhes a joia, á qual não liga muita importancia. Chama-as de novo, mas, as tres irmans, que se tinham combinado, tomam uma outra attitude e o aconselham a conservar o anel até que comprehenda a maldição que elle traz; então, o anel lhes será restituído com alegria; ellas sabem as cousas funestas que se referem a Siegfried: seu anel maldito, feito com o ouro do Rheno, tornará desgraçado pelo anathema de quem o forjou todo aquelle que passar a possuil-o. Como Fafner pereceu, elle tambem perecerá, salvo se entregar a joia ás aguas do rio. Só as ondas do Rheno teriam o poder de annullar a maldição, esta maldição que as Nornas teceram no fio do destino. Siegfried não se deixa perturbar por essas, no seu parecer, vans ameaças; não dá nenhum credito ao conto das nymphas e enfrentará as prophcias alarmantes das Nornas, cujo fio, se fôr preciso, Nothung saberá cortar. Este anel lhe assegura, disse, o dominio do mundo. Elle o dará de bom grado ás graciosas nymphas, se ellas lhe offerecerem, em troca, o amôr e seus dôces extases; porque a vida sem o amôr vale para

elle tanto como isto... (pronunciando estas palavras, toma um punhado de terra, que atira longe); mas, não é ás ameaças que elle cederá, porque o medo é para elle coisa desconhecida. As ondinas, vendo-o surdo ás suas exortações, renunciaram a convencer um insensato, que não soube conservar e apreciar o mais precioso bem que lhe coube, — o amôr da Walkyria; e ignora mesmo haver desperdiçado a sua felicidade enquanto teima em possuir o talisman que o ha-de levar á morte. Mas, felizmente para ellas, hoje mesmo, sua herança passará ás mãos de uma nobre mulher que, esta, ouvirá as suas supplicas e ha-de attendel-as. Ellas se apressam em procural-a. — Siegfried acompanha-as com o olhar, sorridente e admirando-lhes os graciosos movimentos.

SCENA 2.^a — Ouvem-se fanfarras de caça ao longe, que se vão pouco a pouco aproximando; o jovem caçador responde alegremente com a sua trompa de prata. Gunther e Hagen descem da collina com o seu sequito. Os criados preparam a refeição, enquanto os caçadores se deitam na relva e põem-se a conversar, bebendo. Siegfried, confessando que nada conseguiu caçar, conta, descuidoso, seu encontro com as ondinas que lhe predisseram a morte para aquelle dia mesmo. Gunther perturba-se e olha furtivamente Hagen, que pede a Siegfried para falar do tempo em que elle, ao que se diz, sabia conversar com os passaros. Mas, o heróe cessou ha muito tempo de comprehender os seus gorgeios, aos quaes elle prefere agora as doces palavras da mulher. Hagen insiste, secundado por Gunther, por conhecer esta aventura. Siegfried conta-lhes, então, a sua infancia na floresta em companhia de Mime, o anão astucioso, cujos negros projectos elle destruiu, seu combate contra Fafner com o auxilio de Nothung, sua valente espada, a conquista do thesouro e os sabios conselhos do passaro maravilhoso. Quando o heróe chegou a este ponto da sua narração, Hagen mistura occultamente ao seu vinho um filtro destinado a despertar-lhe a memoria entorpecida: Siegfried, desde então, em plena posse da memoria, conta diante de todos, com profunda estupefacção de Gunther, que o escuta com emoção crescente, sua odisséa victoriosa para libertar Brunnhilde e a deliciosa recompensa que o esperava como premio de sua bravura. Gunther, estupefacto, parece começar a comprehender. Neste momento, dois corvos, sahindo de uma moita proxima, vêm esvoaçar por cima de Siegfried que se volta para contemplal-os; Hagen aproveita este momento para cahir sobre a victima do seu odio covarde e lhe cravar a lança pelas costas. Gunther, horrorisado, atira-se, tarde demais! para desviar o bra-

ço do assassino. Siegfried levanta o escudo para esmagar o trahidor, mas, as forças o abandonam e elle cahe ao chão, enquanto o seu vil assassino se afasta tranquillamente e desaparece no alto da collina. Antes de expirar, Siegfried póde ainda enviar um supremo adeus á bem amada, que elle não tem consciencia de haver trahido e cuja radiosa recordação suavisa seus ultimos soffrimentos. Morre em extase, com a dôce imagem nos olhos.

Os vassallos collocam o corpo do heróe numa liteira de folhagens. Forma-se o funebre cortejo. Gunther segue na frente, mostrando no rosto profundo desespero. O luar illumina o lugubre cortejo, depois sóbe do Rheno uma nevoa intensa que invade toda a scena. Quando ella se dissipa, o scenario representa de novo a grande sala do palacio dos Gibichs, desta vez, em plena escuridão. Apenas o rio, no ultimo plano, está illuminado pelo clarão da lua.

SCENA 3.^a — Guttrune sáe do palacio silencioso, éesperando, inquieta, a volta do seu esposo e do irmão e sente-se presa de sombrios presentimentos. O riso sinistro de Brunnhilde interrompeu o seu somno. Será esta a mulher, que ella viu ao longe, dirigir-se para o rio. Verifica, com effeito, que Brunnhilde deixou os seus aposentos e não tarda a voltar ao palacio; nisto, ouve a voz de Hagen que a apavora. Eis os caçadores que voltam: porque será que ella não ouve o clangor da trompa de Siegfried? Interroga Hagen, que, a principio, lhe diz que o esposo está de volta e que se prepare ella para o saudar e, depois, lhe annuncia brutalmente que nunca mais o heróe fará sôar a sua trompa porque foi morto em combate contra um javali furioso.

O funebre cortejo chega, nesse momento, e toda a multidão de servos se comprime, trazendo tochas e brandões accesos. Os caçadores, no meio dos quaes se encontra Gunther, depositam o corpo a um canto da sala. A consternação é geral. A infeliz Guttrune cae desfallecida, vendo sem vida aquelle que a amava. Gunther tenta levantá-la; recobrando o animo, ella repelle com horror o irmão, que accusa de haver assassinado o esposo. Gunther se desculpa e denuncia, então, o crime de Hagen que elle amaldiçôa. O trahidor avança impudentemente e proclama, com altivez, seu acto odioso; exige como despojo o anel que brilha no dedo do heróe. Gunther prohibe-lhe tocar na herança de Guttrune. Hagen ameaça-o. Ambos disputam e Gunther, ferido pela espada do irmão, cae morto a seus pés. O assassino quer, então, apoderar-se do anel e atira-se sobre o corpo de Siegfried para tomá-lo; mas, a

mão do cadaver levanta-se ameaçadora, apertando o anel entre os dedos...

Todos se apavoram. Guttrune e as mulheres gritam alarmadas. Brunnhilde, apparecendo então no fundo da scena, avança, calma e imponente, e faz cessar o clamor; ella, a mulher abandonada e trahida por todos, vem para vingar o heróe, cuja morte nunca será assaz dignamente pranteada.

Guttrune explode em reproches, accusando-a de haver attrahido todas as desgraças sobre aquella casa; mas, Brunnhilde, com nobreza, impõe-lhe silencio como a unica esposa legitima de Siegfried, amada para sempre e á qual elle havia jurado eterna fidelidade. Guttrune, então, no auge do desespero, comprehende o papel odioso que Hagen lhe deu, aconselhando-a a usar do filtro maldito e anathematisando-o, cae, anniquillada pela dôr, sobre o corpo de Gunther. Hagen, com olhar de desafio, conserva-se á distancia, absorvido nos seus sombrios pensamentos.

Brunnhilde, depois de ter contemplado, longa e dolorosamente, o rosto de Siegfried, ordena com solennidade aos vassallos que façam á beira do rio uma fogueira destinada a receber o corpo do heróe. Depois, que lhe tragam Grane, seu fiel e nobre corcel, com o qual ella quer partilhar as honras sagradas reservadas aos mais valorosos guerreiros.

Emquanto os vassallos amontoam os tóros de madeira, sobre os quaes as mulheres atiram flores, Brunnhilde perde-se de novo na contemplação do bem-amado, o puro dos puros, coração leal entre todos, aquelle que, entretanto, a trahiou, a abandonou, a ella, a unica que amou. — Como pode succeder isto? O' Wotan, deus inexoravel, que não temeste, para reparar tua falta eterna, atirar tua filha a essa extrema desolação, sacrificando assim aquelle que ella amava! Como ella aprendeu dolorosamente, pela grandeza da sua desgraça, o que lhe faltava saber. Agora ella vê, ella sabe e comprehende tudo, mas ao preço de quantos soffrimentos!

Brunnhilde percebe, pairando no ar, os dois negros mensageiros do pae dos combates: que elles voltem ao Walhalla para annunciar que, agora, tudo se consummou e que a raça divina terá, dentro em breve, cessado de existir. Repousa, repousa, ó raça dos deuses!...

Ordena aos vassallos que levem para a fogueira os despojos de Siegfried, a quem ella arranca o anel, passando-o para seu dedo.

Este anel nefasto do qual ella de novo se apodera lega-o ás filhas do Rheno. Que ellas venham buscal-o immediatamente no meio de suas cinzas, depois que o fogo o tiver purificado da maldição que pesou sobre todos aquelles que o possuiram!

Aproxima-se da fogueira, onde já repousa o corpo do heróe e, brandindo uma tocha, ella conjura de novo os corvos a irem dizer a Wotan o que se passa alli. Depois, que võem até o rochedo em que ella dormia e ordenem a Logue, que ainda lá permanece, que se transporte ao Walhalla e incendeie a real morada dos deuses, porque o crepusculo eterno começa para elles e o fogo, que vae, em breve, consumil-a a ella mesma se propagará até ao outróra inaccessible retiro do Senhor do Mundo.

Atira a tocha á fogueira, que se inflamma rapidamente. Depois, voltando-se uma ultima vez para o povo reunido, lega-lhe, num supremo adeus, o thesouro de sua sciencia sagrada. A raça dos deuses extinguiu-se; o universo não tem dono; resta-lhe, porém, um bem precioso entre todos e que deve aprender a querer mais que o ouro, mais que a gloria e que a grandeza: **é o amor**, o unico que póde sahir victorioso de todas as provas e dar a perfeita felicidade.

Brunnhilde recebe o seu corcel Grane, que dois jovens lhe trazem; toma-o pelo freio e dirige-se para a fogueira, cujas chamas se elevam crepitantes.

Uma espessa columna de fumo se espalha pela scena e ao fundo se avista o ceu em braza.

